



EDITORIAL

EDITORIAL

MARIA CRISTINA VIANNA, LUCIENE GUIMARÃES E MAURÍCIO AYER

EDITORIAL

EDITORIAL

Maria Cristina Vianna Kuntz¹

cvkuntz@uol.com.br
<http://orcid.org/0000-0001-5528-7246>

Luciene Guimarães²

guimalucienne@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7854-9560>

Maurício Ayer³

mauayer@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8814-3377>

A onipresença do mar na escrita de Marguerite Duras é algo que nos interroga e ativa nossa imaginação. Em toda a sua vasta obra – mais de 50 títulos, sendo cerca de 30 romances, 19 filmes, crônicas, peças teatrais, etc. –, Duras parece estar a sempre a retornar ao mar como uma espécie de fronteira, a um só tempo familiar e estrangeira, diante da qual a linguagem falta e prolifera.

Filha de professores franceses, Marguerite nasceu na Indochina sob colonização francesa (atual Vietnã) em 1914. O Sudeste Asiático, em Duras,

¹ Autora de *Marguerite Duras: Trajetória da mulher, desejo infinito* (2014) e coorganizadora de *Olhares sobre Marguerite Duras* (Publisher Brasil, 2014). Realizou pós-doutorado no DTLLC-FFLCH-USP (2020) sobre o tema: “Marguerite Duras: a trajetória do desejo no ciclo Atlântico” e coorganizou eventos como o *Colóquio Internacional Centenário de Marguerite Duras* (São Paulo, 2014) e a *Jornada de Cinema e Literatura: Hiroshima mon amour 60 anos* (São Paulo, 2019).

² Tradutora, coordenadora da coleção Marguerite Duras (Relicário). Pós-doutoranda UFSJ/Promel/ bolsista CAPES. Publicou vários artigos sobre a obra de Duras, dois deles na coleção Marguerite Duras, *Lettres Minard/Garnier* (França).

³ Doutor em literatura francesa pela FFLCH/USP, instituição onde lecionou entre 2018 e 2021. É autor de *A música do fim do mundo: orquestrações de literatura, teatro e música em Marguerite Duras* (Alameda, 2023) e coorganizador de *Olhares sobre Marguerite Duras* (Publisher Brasil, 2014). Foi curador da mostra de cinema *Marguerite Duras: escrever imagens* (Rio de Janeiro, 2009) e coorganizador do *Colóquio Internacional Centenário de Marguerite Duras* (São Paulo, 2014) e da *Jornada de Cinema e Literatura: Hiroshima mon amour 60 anos* (São Paulo, 2019).

é sem dúvida uma pátria de águas – dos rios, chuvas e oceanos –, a regular a vida das personagens e as memórias que são a rica substância de sua produção escritural. Aos 17 anos, partiu a Paris para os estudos universitários e lá fez sua vida. Viveu, porém, permanentemente em busca da presença do mar, inventando um itinerário de vida e uma geografia imaginária sempre a bordejá-lo. De sua casa à beira-mar em Trouville, Normandia, às viagens de férias pelo Mediterrâneo, além de praias diversas que ela teve a oportunidade de conhecer ao redor do planeta, Duras tinha sempre o mar como horizonte.

Já seu segundo romance, *La vie tranquille* (1944), tem o testemunho de uma morte no mar como cena decisiva. A partir de então, toda uma gama de figurações, funções e contextualizações do mar será desenhada, romance após romance, filme após filme, de modo a sugerir uma presença aqui simbólica, noutra parte alegórica, por vezes apenas geográfica, compondo o cenário ou sendo o meio de circulação de um navio ou iate, onde tudo acontece. O Pacífico, o Índico e o Atlântico, o mar da China, o Mediterrâneo e o do Norte, todos constituem cenários de evocações e reinvenções da memória.

Memória de uma infância passada em um país peninsular que tentou constantemente recriar, o mar de Duras é escrito, filmado, imaginado, fantasiado, inspirador, “ilimitado”.⁴ Sem contar os lugares marítimos mencionados que fazem parte de uma geografia pessoal existente ou inventada: Trouville, Rocca, Malaca, Gibraltar, S. Thala, T. Beach, Quillebeuf; as paisagens portuárias são inúmeras, assim como os personagens ligados a qualquer atividade marítima: O *Marinheiro de Gibraltar*, o homem da lancha de *Os pequenos cavalos de Tarquinia*, Chauvin de *Moderato Cantabile*, o capitão de *Emily L.*

Um verdadeiro *motif* que inerva sua literatura desde a *Barragem contra o Pacífico* (1950) até *O Homem Atlântico* (1981), o mar também é uma presença dramática em *O Homem sentado no corredor*, *A doença da morte* e *Olhos azuis, cabelos pretos*.

⁴ Duras, Marguerite; Porte, Michelle. *Les lieux de Marguerite Duras*. Paris : Gallimard, 1977, p.84

Em o verão de 80, o mar torna-se princípio poético e político, um sujeito ecopoético. O mar durassiano não é somente “*le lieu*”, mas “*ce qui a lieu*”.⁵

Sempre presente, com sua constância brilhante, “este mar plano, de um azul terno”,⁶ também está pronto para liberar sua força destrutiva referindo-se à dissolução de um mundo que corre para sua perda (“Que o mundo vá a sua ruína”).⁷ O mar anunciado pelo seu bramido e pelo grito das gaivotas. O mar traz devaneios, conforme indica Bachelard, tocando nas origens do ser e do universo.

Mãe-mar (*mère-mer*), ele é “imagem de infância”,⁸ “motivo matriz da escrita”⁹ e fonte de palingenética: Anne-Marie Stretter, a “Eva marinha”, se volta ao mar que Duras qualifica de “matricial”, para morrer como quem se dissolve,¹⁰ para mais tarde reaparecer alhures em *A mulher do Ganges* e *O Amor*.

Em Trouville, Duras parece sentir a morte se aproximando, quando diz: “[foi] em Trouville que observei o mar até o nada”¹¹ (*Escrever*), à semelhança de sua personagem Françou, que “olha da [sua] janela, ela, o mar, ela, a morte”.¹² Ao mesmo tempo, nos diz que olhar faz parte da impossibilidade de enfrentar o irrepresentável. E, no entanto, um bom número de personagens durassianas contemplam o mar, como Lol V. Stein (1964) em textos e filmes, assim confrontando o desejo e o mistério. Questionando, pois, sobre o caráter – poético, estético, político – do mar, sua contemplação e seus atravessamentos em Duras e suas personagens, seja em sua literatura, teatro ou cinema, apresentamos neste dossiê 14 artigos originados das intervenções proferidas no Colóquio Internacional

⁵ Parafraseando o título ensaio de Pierre Schoentjes: *Ce qui a lieu. Essai d'écopoétique*. Marseille, 2015.

⁶ Duras, Marguerite. *L'été 80*. Paris : Minuit, p. 53

⁷ Duras, Marguerite. *Le Camion*. Paris : Minuit, 1977

⁸ Cousseau, Anne. La mère écrite de Marguerite Duras ou Le dynamisme poétique d'une image d'enfance. In Loignon, Sylvie (dir.). *Marguerite Duras 3 : Paradoxes de l'image*. Caen: Lettres Modernes Minard, 2009, p. 85

⁹ Cousseau, op.cit.

¹⁰ Duras, Marguerite; Porte, Michelle. *Les lieux de Marguerite Duras*. Paris : Gallimard, 1977, p. 78

¹¹ Duras, Marguerite. *Écrire*. Paris : Gallimard, [1993], 1995, p. 18

¹² Duras, Marguerite. *La vie tranquille*. Paris : Gallimard, [1944] 2001, p. 146

“Marguerite Duras e o Mar”, realizado na BiblioMaison da Aliança Francesa, no Rio de Janeiro, no dia 4 de dezembro de 2023. Reuniram-se nesse evento, estudiosos da obra de Marguerite Duras e psicanalistas do “Corpo Freudiano”, estabelecendo, em suas intervenções, preciosas conexões entre os dois campos do saber, Literatura e Psicanálise. Assim, vários aspectos da obra foram abordados: o feminino e o mar; reflexão, memória e imagem; aspectos poéticos e políticos; o “Mar escrito” e a escritura do mar; os aspectos retóricos e simbólicos; o mar no cinema.

Convidamos vocês, leitoras e leitores, a seguir conosco esse percurso de leituras do mar durassiano.